

## ENSINO DE ARTE E CERÂMICA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID ARTES VISUAIS UFPEL

UILL BORGES MACIEL<sup>1</sup>; LARY LEMOS<sup>2</sup>; ANA CLAUDIA LACAU DE MACEDO<sup>3</sup>;  
CAROLINE LEAL BONILHA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – uillmaciel@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – lary.lemons@ufpel.edu.br

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas, Colégio Estadual Dom João Braga –  
analacau@analacau.com.br

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência ocorreu graças ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), possibilitando um contato maior de estudantes de licenciatura com o sistema das escolas públicas de ensino básico. O estudo visa contribuir para o enriquecimento do diálogo acadêmico e prático sobre o ensino de artes visuais, ressaltando a importância de experiências tangíveis e tridimensionais, especialmente em um ambiente educacional cada vez mais orientado para o digital e o bidimensional. A atividade realizada teve como objetivo promover o envolvimento com a tridimensionalidade da cerâmica, em contraponto a educação bidimensional presente nas escolas. Além disso, traz aspectos decoloniais do ensino junto da abordagem triangular do Fazer, Ler e Contextualizar, com o objetivo de criar um ambiente educacional que valorize a singularidade de cada aluno.

Ana Mae Barbosa, compreendendo a relevância da contextualização, propõe também a percepção da Abordagem Triangular como um zigue-zague, que perpassa pelo fazer-contextualizar-ver-contextualizar. Construindo essa nova imagem que, no ir e vir, retorna ao contextualizar. É notar a pertinência da contextualização para o Ensino, para a compreensão do fazer e ler/ver. Essa contextualização não se refere somente à História da Arte, ao viver do artista e à construção dos seus processos criativos, mas demonstra a relação entre arte, vida e tempo. Tal relação não acontece em um sentido restrito, pois propõe reflexões sobre os códigos estéticos, políticos e culturais. (GOULART e LAMPERT, 2016).

Embora a adoção de novos recursos tecnológicos, como slides e jogos interativos, tenham demonstrado o potencial de tornar as aulas mais envolventes e cativantes para os discentes, é crucial destacar que uma tênue fronteira é delineada entre a efetiva integração desses recursos e a consequente distância que pode surgir entre professor e aluno, bem como entre o estudante e a instituição educacional. Observa-se, portanto, uma necessidade premente de ampliar o contato dos alunos com experiências tridimensionais e entre si, estimulando seus processos criativos e artísticos, com a finalidade de transcender o paradigma bidimensional predominante e, ao fazê-lo, ampliar a compreensão tanto de si mesmos quanto do mundo que os cerca, fazendo uso de uma educação encorajadora e cuidadosa, empática e decolonial, ou seja, uma educação menor.

[...] é o ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual

traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (GALLO. 2003).

Todo desenvolvimento pedagógico fundamenta-se na experiência obtida no ateliê de cerâmica da UFPel, na cadeira de “Introdução à Cerâmica” do curso de Licenciatura em Artes Visuais, ministrada pelo professor Paulo Viegas Damé. As oficinas foram desenvolvidas junto ao PIBID Artes Visuais realizadas com 6 turmas do 3º ano do ensino médio, em 1 período de 45 minutos para cada durante os meses de março e maio do ano de 2023. As turmas possuíam de 18 a 26 alunos na faixa etária dos 16 aos 19 anos, utilizando cerca de 300g de argila para cada um junto com folhas de EVA, pontas secas, escovas de dente velhas e pedras lisas e arredondadas para interferir em suas obras. Essas oficinas foram desenvolvidas no Colégio Estadual Dom João Braga, localizado na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, Brasil.

## 2. METODOLOGIA

O primeiro momento partiu do início da apresentação da história da cerâmica para os alunos, de forma teórica com a utilização de slides, conversação e vídeos sobre técnicas de moldagem de peças. Na primeira aula estudamos o surgimento da cerâmica e como os povos originários relacionavam-se com a mesma, falando sobre algumas de suas principais técnicas, funcionalidades naquelas sociedades e produções resultantes das culturas, junto com os tipos de argilas existentes (secundárias e primárias). Também foi disponibilizado uma pequena folha com perguntas sobre o que era cerâmica, escultura, quais técnicas existiam e o que eles entendiam das mesmas.

No segundo momento conversamos sobre a pesquisa requisitada abordando a cerâmica, escultura e sua relação com povos originários. Foram apresentando os tipos de torno (lento ou de giro, rápido e elétrico) e seu surgimento, seguindo uma linha temporal até os dias de hoje.

No terceiro momento conversamos sobre os fornos existentes (intermitentes e contínuos) e os tipos de queimas (biscoito, monoqueima, Raku e queima de esmalte) que podem ser feitas para uma produção cerâmica e seus resultados nas peças.

No quarto momento começamos a prática com a produção simples de uma pequena estrela, atividade que serviria para entenderem a plasticidade do barro, observando até onde poderiam esticar, dobrar e puxar. No mesmo dia foi feita a produção de carimbos, onde cada um colocaria o nome para identificá-lo e um símbolo na ponta que carimbará as peças, servindo de identificação para aqueles que trabalham com cerâmica.

O quinto momento produzimos uma peça com uma maior quantidade de barro, onde eles usariam a técnica dos beliscões para subir paredes e tentar dobrá-las, levantá-las, abri-las ou fechá-las, com o auxílio também de pontas secas para interferirem da maneira que quisessem na peça.

No sexto e último momento das oficinas, trabalhamos o bruñido com escovas de dentes e pedras arredondadas e lisas nas peças, para observarem a diferença no tato e aos olhos que uma técnica simples de executar pode gerar na produção da obra. Após isso, esperamos a secagem lenta e controlada delas e levamos para efetuar as queimas das mesmas no ateliê de cerâmica da UFPel. Algumas

semanas depois, devolvemos as peças para os alunos, assim eles conseguiram observar seu processo, o processo da própria peça e conferir o resultado obtido.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo da sova e separação da argila para cada aluno das 6 turmas teve de ser feita pelo PIBIDano responsável pela oficina, tendo em vista o tempo de duração da oficina. As técnicas da sova e diversas maneiras de criação de peças foram mostradas de maneira inicialmente teórica, em aula por slides e depois na prática nas oficinas, porém, foram trabalhadas e efetuadas apenas as técnicas de beliscões para produção da pequena estrela e da peça livre e a de placas para a criação dos carimbos, enquanto na sova foi mostrado a técnica do “chifre de boi” para o preparo da argila.

Como resultado final observamos as peças depois da queima do biscoito. Muitos alunos alegraram-se com os resultados, alguns frustraram-se com pequenas partes quebradas das peças, mas todos observaram o processo e aproveitaram cada momento do mesmo, conseguindo discernir e fazer apontamentos sobre o que gostariam de ter feito diferente e quais técnicas ou argilas gostariam de experimentar. Desde a promessa nas aulas teóricas de desenvolver um trabalho prático com a argila até a entrega das peças para os alunos, houve o interesse mútuo quanto ao assunto. Eles engajaram nas oficinas fazendo perguntas, trazendo apontamentos de suas pesquisas e, no momento de colocar a mão na massa, estavam entusiasmados com a possibilidade de levar para casa uma produção artística que não fosse desenhos em preto ou colorido.

### 4. CONCLUSÕES

As aulas de artes nas escolas tem o potencial de aumentar a percepção dos alunos, desde que as ações propostas conectem-se com eles. Não podemos exigir que larguem os celulares para saírem de seu mundo bidimensional enquanto os colocarmos em outro, sendo esse desinteressante e desconexo para a realidade deles. Como prestar atenção enquanto tudo que fazemos é passar slides, ler textos, citar autores desconectados de sua vivência e cotidiano? Tendo isso em vista, esse relato de experiência tenta trazer a ponte entre o uso consciente dos meios tecnológicos disponibilizados pela escola e o desenvolvimento de práticas tridimensionais com os alunos, explorando suas habilidades de manuseio com o barro e conexões com o mundo a sua volta.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/ARTE, 1998.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Autêntica, 2003.

GOULART DA SILVA, Tharciana; LAMPERT, Jocielle. **Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro**. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes. 2017

Ateliê do Quintal. Dica de Cerâmica - Preparando a argila – Amassar e bater. YouTube, 31 de julho de 2018. Acessado 16 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EGyTS1BWQ04>

LuBentes Cerâmicas. Aprenda a fazer a TÉCNICA DA COBRINHA na cerâmica em MENOS de 5 minutos. YouTube, 1 de março de 2023. Acessado 16 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5n1N0o1J3GA>

Ateliê do Quintal. Dica de Cerâmica - Beliscão ou Pinch. YouTube, 7 de agosto de 2018. Acessado 16 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bgb7jEnjpt4>

Arturo Claudett Studio. Cerámica. Cómo hacer placas o planchas en arcilla. Dos Técnicas. YouTube, 31 de março de 2020. Acessado 16 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GexPhSdUBMs>

Ceramic Arts Network. Laying a Foundation for layered Surfaces with Ceramic Engobes / COLLEN RILEY. YouTube, 5 de novembro de 2018. Acessado 16 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7tQU2bN0hGU>

TubArte. Técnica de modelagem com argila – Barbotina para costuras. YouTube. 26 de julho de 2017. Acessado em 16 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0HZaF2ulNzg>